ANNO XXVI DE O POVO DE AVEIRO AVENÇA DOMINGO, 21 DE JULHO DE 1907 N.º 1:213 DE O POVO DE AVEIRO

Officina de composição e impressão de MANUEL BAPTISTA TORRES R. DE S. MARTINHO **Aveiro**

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

PROPRIETARIO E DIRETOR Manuel Baptista Torres *Redacção e administração* *R. de S. Martinho,* AVEIRO

Numero 415

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

A QUESTÃO ACADEMICA

Foi emfim, concedido o indulto aos sete estudantes expulsos da Universidade de Coimbra. Está, pois, resolvida a chamada questão academica. Mas, diga-se a verdade, resolvida tristemente. O que aliás era de esperar. O que nós sempre esperámos desde o primeiro instante.

Quem escreve estas linhas estava em Coimbra quando rebentou o conflito academico. E disse a alguns estudantes, ao terceiro dia: «Não prolonguem a resistencia ou o movimento cahe desastrosamente.» E disse a alguns politicos: «Não confiem na greve como meio de deitar abaixo o governo. O governo não cahirá com a greve ainda que ella se estenda a todas as escolas do paiz.»

Ou o sr. José Eugenio Ferreira tivesse dado boas provas, ou tivesse dado más provas como alguns pretendem, a indignação dos estudantes no primeiro momento estava justificada e era justa. Não ha despotismo mais irritante que o despotismo do professorado. Esse despotismo existe em todo o paiz, existe em todas as escolas de instrucção secundaria e de instrucção superior, mas sobretudo em Coimbra e especialmente na Universidade. Boas provas, más provas as do sr. José Eugenio Ferreira? Ponto secundario, desde que abundavam na cathedra e entre os ursos os insignificantes. Ninguem ignorava a má vontade da cathedra ao sr. José Eugenio Ferreira. Ninguem ignorava que a primeira condição imposta pela cathedra para ascender á cathedra é o servilismo. Ninguem chega á cathedra de cabeça erguida. Só lá se chega rastejando.

Sabiam-no os estudantes. Sabem-no todos quantos frequentaram a Universidade e quantos vivem ou teem vivido em Coimbra.

Que mais era preciso para attrahir as sympathias a um estudante reprovado unanimemente no exame e reprovado aos repellões, depois de ter sido approvado no exame de licenceado? Que mais era preciso para levantar uma tormenta contra um professorado que, por mais justiça que tivesse feito n'aquelle momento, deixava em todos a impressão de que só havia reprovado um estudante por a má vontade que lhe tinha ha muitos annos, esse professorado tantas vezes faccioso, tantas vezes iniquo?

A indignação dos estudantes estava justificada. Era a indignação de toda a gente. Até ahi tudo se comprehendia e tudo se admittia.

Mas depois? Prolongar a resistencia era um caso grave. Prolonga-la para quê? O governo não annullava, nem podia annullar, as decisões da faculdade. Ir para ahi era manifesta insensatez. Só haveria um motivo que o justificasse: a expulsão de qualquer dos estudantes, expulsão que necessariamente seria iniqua, porque a responsabilidade, senão era egual para todos era a mesma para a grande maioria dos alumnos.

N'essa altura, porem, não havia nenhum estudante expulso e toda a habilidade consistiria em empregar, sem quebra de dignidade, os esforços necessarios para que ninguem fosse expulso.

Os estudantes deveriam voltar ás aulas ao segundo ou ao terceiro dia, embora ameaçando seriamente se a expulsão viesse a realisar-se. Deviam aguardar serenamente os acontecimentos. Vinha a expulsão, de facto? Era então a hora das decisões solemnes. Não vinha? Não desistiam d'um movimento intenso, levantado, sério, a favor da reforma da Universidade, porque era esse, não podia, não devia ser outro, o ponto de capitalissima importancia, afinal.

Collocarem-se em greve desde logo era ferir os preconceitos do poder absoluto. E' praxe do despotismo considerar morto o seu prestigio deante de ameaças. Para o espirito reaccionario não ha razão. Ha força. Só a razão discute, e só a razão acha digno *achar razão aos outros*, ou reconsiderar quando se errou. A força não discute. Bate. E, para quem bate, capitular, principalmente deante da razão, é o supremo desprestigio. A força perdoa. Não capitula. E tamanho é o preconceito da força n'esta terra que a elle andam escravisados os proprios que se dizem democratas.

Era um erro pôr á prova o preconceito da força. Desafiar o arbitrio, o poder pessoal, que é pimpão, o absolutismo. Só é licito fazer isso quando ha uma força para oppôr a outra força. Qual era a força dos estudantes? O seu espirito de solidariedade, o seu caracter, a sua altivez? Mas como poderiam os estudantes ter solidariedade, n'um meio onde nunca existiu solidariedade nenhuma? Mas como poderiam os estudantes ter caracter, se ainda não se formou o caracter n'esta desgraçada raça portugueza? Mas como poderiam os estudantes ser altivos, n'um paiz onde ha a má creação, a brutalidade, a grosseria dos lacaios, os impetos selvagens dos escravos, mas onde poucos, muito poucos, rarissimos, dão provas de verdadeira altivez?

Impossivel. Inteiramente impossivel. O ministerio não cahia deante da greve geral, porque a greve seria uma *questão d'ordem publica* e o poder pessoal estabeleceu como sendo o seu maior desdouro abdicar n'uma *questão d'ordem publica*. A greve deixaria o paiz na sua indifferença do costume. A greve, não cahindo o governo, viria a terminar vergonhosamente. E como soluções d'essas são profundamente desmoralisadoras, o que convinha seria empregar os meios de evitar os recursos extremos.

Eis porque nós diziamos em Coimbra, a alguns estudantes, no segundo e terceiro dia do conflicto: «Não prolonguem, não prolonguem a resistencia, senão cahem desastrosamente.» Eis porque diziamos a alguns politicos: «Não confiem, não confiem na greve geral, olhem que o governo não cahe e a greve redunda n'um monumental fiasco.»

Nós, que somos radical e que somos rebelde! Nós, que possuimos, e sempre defendemos, e sempre defenderemos, os mais avançados principios dentro da republica, principios sociaes, principios politicos! Nós, que *nunca* beijámos a mão ao rei, tendo nos encontrado com elle muita vez, nem o annel aos bispos, tendo-nos encontrado com estes algumas vezes! Nós, que nunca casámos filhas com anarchistas religiosamente, que nunca pedimos a jornaes republicanos que se calassem deante dos crimes revoltantes dos administradores do concelho, dos commissarios de policia, de qualquer individuo, ou de qualquer funccionario publico! Muito mais o deveria fazer, então, Bernardino Machado, que tem beijado a mão ao rei, que beija os anneis aos bispos, que não hesita em se dizer amigo pessoal do rei, trocando com elle publicamente os cumprimentos que se trocam entre amigos, embora se diga tambem seu inimigo politico, que priva intimamente com os intimos da alcova real, que é conservador, que é conciliador, que é *cordeal*, todo elle *cordeal*, e que a todo o instante dá o exemplo degradante, o espectaculo vergonhoso, das mais degradantes abdicações, das mais vergonhosas transigencias.

Esse homem, esse lente da Universidade, esse *grande educador*, deveria saber que nada ha mais dissolvente e menos educador que uma derrota moral. Esse homem, esse lente da Universidade, esse *grande educador* deveria saber que o mallogro desgraçado do movimento academico seria um novo golpe no animo já tão abatido, tão descrente, tão pessimista d'este povo infeliz. Como homem, se fosse homem, como lente da Universidade, se fosse, como pretendia, lente digno de tal nome, como simples educador, e não já grande educador, se a simples educador porventura chegasse, teria previsto o desastre e poria, decorosamente, todos os seus esforços em o evitar.

Esse sim, que seria trabalho e serviço digno d'um homem, d'um educador, d'um patriota. Mas quê, se não satisfazia a especulação politica nem rendia faceis popularidades?

Imaginou Bernardino, com aquella convicção da sua omnipotencia que constitue n'elle uma verdadeira loucura, que tudo recuaria deante da ameaça da sua demissão. Imaginou. Só quem o não conhece porá em duvida esta nossa affirmação. Ao dizer: «Se as portas d'aquella Universidade se fecharem para alguem fechar-se-hão tambem para mim» suppoz Bernardino que seria tamanha a sensação produzida no paiz por essas palavras que as portas da Universidade se não fechariam para ninguem. Quando, já muito admirado, via que os lentes se atreviam a votar a expulsão dos estudantes e a instaurar um processo contra elle, ainda imaginou a Universidade a desabar se elle, na verdade, de facto, pedisse a demissão. Reunir-se-hiam as faculdades, agitar-se-hia o paiz, tremeria o ministerio deante de tão grave resolução. Marcharia tudo, tudo, homens, mulheres, creanças, ricos e pobres, nobres e plebeus, grandes e pequenos, a implorar-lhe que não pozesse em pratica esse designio, um luto, uma desgraça nacional!

Foi o que elle imaginou. Só quem o não conhecer duvidará. Os desastres a que esse homem arrasta os outros, o ridiculo em que cahe a cada passo por causa da sua loucura! Porque esse homem tem a mania da omnipotencia. Porque esse homem está possuido de que exerce uma missão divina em Portugal. Porque esse homem está convencido de que é Deus. Porque esse homem é um louco. E, d'essa fórma, em vez de abrandar o enthusiasmo irreflectido dos rapazes, atiçou-o.

Para quê? Para quê? Para se perder tudo. Tudo! Para ficar mais uma vez evidenciada a fraqueza do caracter nacional.

Não é com provas d'essas que esse caracter se ha de educar, se ha de fortificar.

Quando nós viamos a *Lucta* clamar, bramar, incitar, nada diziamos em voz alta, porque não queriamos sobre nós a minima parcella de responsabilidade. Não queriamos, de fórma alguma, concorrer para que se perdesse um movimento que, a triumphar, seria, na verdade, uma admiravel prova de vitalidade. Porem a sós nunca deixavamos de murmurar: «Mas como se atreve esta gente, que a toda a hora dá provas flagrantes de incoherencia, de versatilidade, de fraqueza, de falta de principios, a exigir dos outros rebeldia e força de caracter? Pois elles não se atrevem a revoltar-se contra o jugo vergonhoso em que os trazem varios chefes republicanos, pois elles não se revoltam contra as torpezas de Affonso Costa e contra as bernardices do seu famoso Bombardino Rachado, pois nem os estudantes republicanos, com todo o chamado fogo, com toda a decantada pureza da mocidade, dão o menor signal d'essa rebeldia honesta, e querem que a grande massa dos estudantes, sem convicções politicas, indifferentes, frios, incultos, tenham coragem, tenham força, tenham caracter para se revoltar contra os paes, contra os amigos, contra os mestres, contra tudo? Estes homens estão doidos, ou parecem-no.»

Assim diziamos então em voz baixa. Assim o dizemos agora, que está tudo terminado, em voz alta.

E o resto, que ainda não dissémos tudo, ficará para o numero immediato.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Aos nossos assignantes n.os 386, 269, 698, 318, 654, 323, 167, 500, 487, 634, 43, 851, 242, 108, 236 e 246, que estão em atrazo, pedimos o favor de mandarem sem demora pagar as suas assignaturas. Não lhes publicamos os nomes porque nenhum é para nós considerado remisso em pagar. Os seus recibos teem sido devolvidos com a nota de «não serem encontrados». *Por isso nos limitamos aos numeros, e para o caso provavel d'algum não conhecer o seu numero, prevenimos que o escrevemos a tinta ou a lapis encarnado, no alto da primeira pagina, ao lado do titulo do artigo de fundo.*

Esperamos o obsequio de mandarem satisfazer sem demora, para regularidade da nossa administração.

Excursão de Coimbra a Aveiro

Ha grande enthusiasmo no elemento operario para a proxima excursão que no dia 11 de agosto realisam os conimbricenses a esta cidade.

Já se organisaram differentes commissões para ornamentações de ruas e outras diversões festivas. Os excursionistas far-se hão acompanhar d'um rancho de formosas tricanas, que no jardim publico cantarão lindas baladas do poetico Mondego, revertendo o producto das entradas em beneficio dos tuberculosos d'esta cidade. Bemvindos sejam.

CÁ E LÁ

Ficámos no ponto em que o general, depois de aconselhar, de pedir, de supplicar aos soldados submissão, lhes **jurava sobre os seus galões** que nenhum d'elles seria castigado individualmente.

Vejamos o que se seguiu.

«Le Comité de défense viticole se précipite sur les pas du général, qu'il rejoint bientôt. On parlemente. Le Comité obtient enfin:

1. Que les soldats du 17e rentreront à la caserne de Béziers;

2. Qu'après avoir déposé leurs armes, ils pourront sortir et coucher en ville;

3. Il est convenu qu'ils auront à réintégrer leurs cantonnements d'Agde, par le train, demain samedi, avant midi;

4. Aucune peine ne sera infligée individuellement aux soldats.

Ceux-ci prennent l'engagement d'honneur de se soumettre strictement à ces conventions.

Le Comité leur rapporte les résultats de sa démarche et les exhorte à se rendre à la caserne. La foule, maintenant, applaudit à ces décisions. Elles ont d'ailleurs d'autres effets heureux. En effet, les gendármes, les dragons et plusieurs régiments qui, par la route ou par voie ferrée, étaient sur le point d'arriver à Béziers, ont reçu l'ordre de ne pas rentrer en ville. Quant aux soldats du 17e, à cinq heurs ils franchissent le seuil de la caserne. Ils en ressortaient bientôt, mais cette fois sans armes, après avoir formé les faisceaux dans la cour. Ils avaient rendu leur cartouches.»

Em Portugal, tudo isto seria considerado uma vergonha. Uma vergonha! E não só para monarchicos. Tambem para republicanos. Tal é a differença entre um meio democratico e um meio profundamente reaccionario e profundamente estupido, como o nosso.

Que vergonha, parlamentar com soldados indisciplinados! Que vergonha, firmar uma convenção para reconduzir ao quartel uns centos de homens, que d'elle haviam sahido em revolta! Que vergonha, n'este abençoado Portugal, n'este paiz de valentes, n'este paiz de **homens!** Que vergonha para militares, e que vergonha para paizanos! Que vergonha para monarchicos, e que vergonha para republicanos! Como a simples idéa d'esse facto levantaria a indignação de todos!

O procedimento do general, ou, antes, dos generaes, porque o general commandante do corpo de exercito confirmou o compromisso do general da divisão, mereceu os applausos de todos. Nas paredes das casas de Béziers, e mais logares do costume, appareceu, immediatamente, affixado o seguinte:

«Le comité de défense viticole de Béziers, au nom des habitants de la ville, a présenté au général commandant le 16e corps d'armée, qui venait de réunir ses soldats, pour la plupart enfants de Béziers, le message téléphonique ci-après;

Le président du conseil des ministres, sur la demande d'une délégation de la population de Béziers, accorde aux soldats qui ont quitté leur cantonnement d'Agde son indulgence; ils ne seront pas punis individuellement s'ils rentrent à la caserne de Béziers; il ne

peut accorder autre chose malgré des suplications et des appels au calme et au maintien de la paix entre citoyens.

Le comité, les pères et mères des soldats sont heureux de faire savoir que:

1. Les soldats du 17e régiment d'infanterie sont rentrés immédiatement à la caserne de Béziers; 2. qu'ils y ont déposé leurs armes; 3. que ceux qui ont des parents en ville sont autorisés à sortir et à aller les voir. 4. tous repartiront pour Agde demain 22 courant avant midi; 5. conformément au message de M. le président du conseil aucune punition individuelle ne sera infligée.

Au nom de la population biterroise tout entière, le comité adresse ses chaleureuses félicitations aux officiers généraux qui, par leurs fermes et généreuses décisions, ont facilité la tâche du comité, évité l'effusion du sang et arrêté d'irréparables catastrophes.

Conformément aux instructions du nouveau comité d'Argeliers, le plus grand calme est recommandé à la population biterroise; il ne doit être répondu à aucune provocation.—*Le comité de défense viticole.*»

Por conseguinte, o comité dirigia as suas *calorosas felicitações* aos officiaes generaes que, tendo á sua disposição forças numerosissimas para submetter pela violencia os revoltados, forças que elles mandavam parar ás portas da cidade, preferiam submette-los pela persuasão, e pela transigencia, a fim de evitar *o derramamento de sangue e irreparaveis catastrophes.* Em Portugal tudo tremeu quando foi da insubordinação dos marinheiros. Mas depois dos infelizes amansarem, e dizemos *amansarem* porque ninguem tinha meio efficaz de os submetter pela força, foram tratados com a maior cruesa, faltou-se a tudo quanto se lhes havia promettido, e até os jornaes republicanos censuravam os officiaes que haviam tido a *covardia* de não descarregar o seu rewolver sobre os amotinados. No emtanto, que catastrophes, que catastrophes, se os marinheiros revoltados se teem resolvido a bombardear a cidade!

Se aos generaes não faltou o applauso popular pela sua cordura e generosidade tambem lhes não faltou o applauso do governo.

Dizia na camara Clémenceau:

«J'arrive maintenant à un événement qui n'est pas nouveau: la mutinerie du 17e. J'avais déjà hier fait alllusion á ce fait: le 17e m'avait été signalé comme un de ceux sur lesquels il ne fallait pas compter; nous l'avions évacué sur Agde. C'est lá que se sont produits les faits suivants: la foule a forcé la caserne; elle a débauché les soldats; 300 sont sortis sans officiers, sans sergents et ont déclaré qu'ils se rendaient à Narbonne pour tuer les cuirassiers. (Sensation.) Le général s'est porté sur la route d'Agde avec six compagnies; il les a adjurés en vain; il ne voulait pas en venir aux mains et je l'en loue. La troupe des mutins s'est dirigée sur Béziers et le général a dû les suivre.

Avant de partir, les soldats ont forcé la poudrière et avaient deux cents cartouches chacun. Le général est un brave soldat: je n'ai pas le courage de le condamner de ne pas avoir engagé la bataille entre soldats (Vifs applaudissements.)»

Dois dias depois foi o governo vivamente atacado na camara pelas violencias commettidas pela tropa em Narbonne. Clémenceau respondia:

«J'avais indiqué de faire marcher en avant la cavalerie, parce que c'est l'arme la moins meurtrière. (Interruptions et protestations à l'extrême gauche.) Mais certainement! L'arme blanche des fantassins est immédiatement redoutable; les cavaliers, au contraire, peuvent écarter la fule sans avoir besoin de se servir de leurs armes.

M. Aldy disait tout à l'heure que les soldats avaient été bien accueillis avant les charges. Eh bien! Voici ce que dit le général commandant les troupes de Narbonne:

«Le 17e cuirassiers, qui n'a pris part à aucune arrestation, a été à son entrée à Narbonne accueilli par des pierres et des huées. Les hommes restèrent calmes. A huit heures au soir, une bande essaye d'enfoncer la porte de la sous-préfecture, lance des pavés dans la cour; on tire des coups de revolver.»

Voilá ce qu'on ne voit pas dans les récits de M. Aldy!

Le soir, le 10e cuirassiers quitte le cantonnement, suivi par une foule menaçante. Bientôt, il est accueilli à coups de pierre, à coups de revolver. Les cuirassiers parviennent jusqu'à une barricade dont M. Aldy n'a pas parlé; ils font demi-tour. On lance des chaises dans les jambes des chevaux. Deux autres pelotons rejoignent sous la pluie de piérres et de coups de feu, les cuirassiers ripostent de temps em temps.

Voix à l'extrême gauche:—Il n'y a pas de blessés!

M. CLEMENCEAU.—Les casques et les cuirasses sont bossuées et déformées; les pièces à conviction sont là. (Bruit à l'extrême gauche.) S'il ya une enquête, on les verra.

Pour bien comprendre la scène, il ne faut pas prendre un fait isolé. Les manifestants étaient embusqués dans une petite rue qui coupe le boulevard Gambetta; sept chevaux se sont abattus d'un coup; vous dites: «Le blessé a été atteint senlement par une pierre!» Mais c'est comme cela qu'on meure! Comme cela qu'on tue! Je vons donnerai la liste des blessés; les chevaux se sont cabrés devant le bar d'où on leur jetait des chaises; une fusillade s'est engagée des deux côtés, car il y a des traces de balles des deux côtés.

La fameuse charge des cuirassiers ne dépendait pas de nos volontés; les chevaux frappés s'emballaient. Tous les chevaux s'emballent quand on les frappe et leur emballement est contagieux, chacun sait ça. (Mouvements divers).

L'enquête judiciaire recherchera les responsabilités; mais les instructions que nons avons données ont été observées; il est certain qu'un cavalier embarrassé dans sa cuirasse, sur un cheval qui se cabre, ne pent faire venir un commissaire et des tambours avant de se défendre. Sous la casaque du soldat, il y a des hommes.

Voici, d'après le général commandant, le nombre des coups de feu, tirés: 139e d'infanterie, 11 coups de feu tirés en l'air; 7 pour la cavalerie. Des soldats attaqués par des bandes de brigands pour se faire jour ont tiré en l'air. Il y en a aussi 19 coups de revolver et puis c'est tout.

J'avais donné ici le chiffre de 47 soldats blessés. M. Aldy n'en a trouvé que 9, mais les militaires n'ont pas tous été envoyés à l'hôpital et, quand M. Aldy l'a visité, 7 en étaient dans leurs appartements; j'ai la liste des blessés: il y en a 63 en tout, dont 24, griévement. (Bruit à gauche.) Ils ont été blessés dans l'intérêt du droit, dans l'intérêt de tous (Applaudissements.)

Des policiers aussi ont été blessés.»

Tudo isto exige commentarios.

Mas ficarão os commentarios, e o mais que ha a dizer, para domingo.

Havemos de vêr bem a differença entre um meio democratico e um meio reaccionario. E' esta a grande propaganda democratica.

SEM EXEMPLO

Se nos temos referido á nova praça de toiros foi apenas por simples deferencia, não para termos entrada de *borla*, e com imposições, que não honram nada a imprensa.

O redactor e proprietario do *Povo de Aveiro* nunca gostaram d'esse genero de divertimentos, que não civilisam nem educam ninguem. Pelo contrario...

Quem gostar que vá lá.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não publicamos n'este n.º um artigo do nosso distincto collaborador, sr. Casimiro Freire.

Sahirá domingo.

Cartas de Lisboa

19 DE JULHO.

O caso serio d'esta semana foi o julgamento do *Supremo*. O caso burlesco foi a prohibição da *procissão das medalhas*.

Sobre o primeiro tem-se dicto tanto que está exgottado o assumpto. Vê-se pelo escarceo jornalistico que as gazetas tinham vastas esperanças do governo apanhar bigode no augusto santuario da justiça. D'ahi a grande decepção. E d'ahi a grande irritação.

Sendo assim, estão justificados os camaradinhas. Mas, que diabo, já vae sendo excessiva a ingenuidade!

Era de esperar o que se deu. Ninguem devia ter illusões a tal respeito. Eu não as tinha. E julgo que as não tinha muita gente. Comtudo, confesso que não esperava a unanimidade. Foi a unica coisa que me surprehendeu.

De resto, sinto, como todos quantos amam a liberdade e a justiça n'esta terra, que os velhos juizes se pronunciassem por aquella fórma. Parece que o seu criterio é que só ás côrtes pertence julgar os actos do executivo e que não se tendo revoltado o paiz contra a usurpação da constituição ninguem podia exigir que se revoltasse sómente a magistratura. Não é sólido o argumento. Contra um attentado á lei fundamental protesta todo o cidadão e protesta immediatamente. Não espera, não póde esperar, não deve esperar, não tem que esperar pelas côrtes. E quaes côrtes? As côrtes foram lançadas á margem. Não ha côrtes. Não se sabe quando ellas se reunirão, nem como se reunirão.

Não se revoltou o paiz á mão armada? Pois, por isso mesmo, os executores da lei se deviam pronunciar a favor da lei. Da lei, e não da usurpação da lei. As revoltas armadas são, devem ser o ultimo recurso. Manter o povo na esperança de que não será preciso esse recurso é o rigoroso dever de quantos exercem uma parcella de auctoridade.

Emfim, é triste, é lamentavel todo este abatimento moral. A que ninguem foge n'esta terra. Nenhum homem, d'esses que falam como representantes da moral, nenhum partido, nenhuma classe, nenhum agrupamento. Todos vêem a iniquidade só quando a iniquidade fere os seus interesses individuaes ou collectivos, os seus sentimentos ou odios de facção. Fóra d'isso ninguem vê nada, ninguem se impressiona com os attentados commettidos, ninguem protesta contra coisa nenhuma. A consciencia publica sente isto, mais ou menos nitidamente, mais ou menos conscientemente, e, por isso, não reconhecendo, não sentindo auctoridade em ninguem, fica fria deante de tudo e de todos.

O honrado Brito Camacho, escrevendo na *Lucta* um indignado artigo contra o Supremo, invocava Dreyfus e os juizes que julgaram Dreyfus. Ora não ha muito, ha bem pouco até, que n'esta terra foi julgado um militar pelo systema de Dreyfus. E o honrado Brito Camacho, como o honrado João de Menezes, como todos os honrados d'esta terra, não tiveram uma palavra, uma unica palavra, para condemnar esse caso. Tinha esse homem, esse militar, soffrido pela causa democratica o que o honrado Brito Camacho, o honrado João de Menezes e quasi todos os outros honrados, ou todos os honrados, ainda não soffreram. Tinha esse homem prestado á democracia os serviços que o honrado Brito Camacho, que o honrado João de Menezes e quasi todos, ou todos os honrados, ainda não prestaram. Tinha esse homem vivido no exercito honrando o exercito, pela sua conducta moral e intellectual dentro dos quarteis. Reunem-se cinco generaes sem auctoridade nenhuma, servos humildes d'um poder tyrannico, e por aquillo, só por aquillo, isto é, pelas qualidades e serviços do referido militar, qualidades e serviços que affrontavam e prejudicavam o poder pessoal e tyrannico que preside aos destinos d'esta terra, julgam no e condemnam-no com tanta iniquidade—ponha-se de parte o valor da pena que nada tem com o fundo iniquo do julgamento—como foi julgado e condemnado Dreyfus. Com tanta iniquidade, não. Com maior iniquidade. Porque Dreyfus ao menos foi julgado em tribunal regular e condemnado, das duas vezes, porque até da segunda vez isso succedeu, sobre depoimentos e peças falsas. Porque Dreyfus ainda teve dois juizes, duas consciencias, que votaram a seu favor. Porque a maior parte dos juizes de Dreyfus estavam sinceramente convencidos da sua criminalidade. O capitão Homem Christo foi julgado e condemnado sem fórma nenhuma. nenhuma! de processo regular, condemnado por unanimidade e condemnado com plena consciencia, por parte dos juizes, de que se commettia uma iniquidade.

Não teve contra isto uma palavra, uma só palavra, nem o honrado Brito Camacho, nem o honrado João de Menezes, nem qualquer outro honrado democrata.

Já não queremos censura-los pelos factos anteriores, isto é, pela sua cumplicidade na defeza e exaltação d'um bandido como Affonso Costa. Acceitemo-los como escravos do odioso e terrivel espirito de facção, d'esse espirito de quadrilha que, di-lo-hemos sempre, é a grande mancha, a nodoa immensa d'esta patria. Mas levar o odio, ou o resentimento, até ao ponto de nem protestar contra a iniquidade monarchica foi levar o odio muito longe. O que só fazem aquelles que não teem principios e que não são verdadeiramente intelligentes.

O sr. Brito Camacho a falar em Dreyfus n'esta altura até chega a ter graça. Palavra de honra, até chega a ter graça!

Chegou-lhe agora a dôr de dentes? Vá ao dentista, cavalheiro. E para a outra vez proteste contra a iniquidade sempre que, seja contra quem fôr e como fôr, vir praticar a iniquidade.

Procedam d'egual fórma todos os honrados democratas e verão como haverá então quem ouça e faça obra pelas suas pslavras.

***

Quanto á prohibição da *procissão das medalhas*, acho que foi mais um erro de João Franco.

N'outro paiz, realmente, o comico cortejo daria azo ás mais violentas manifestações. Os partidos revolucionarios não deixariam de correr á batatada os parvos que se atrevessem a affrontar por tal fórma a justiça e o decoro publico. Por debaixo das janellas da casa do burlesco Bernardino Machado não desfilariam simplesmente grupos harmonicos. Desfilariam tambem grupos dissonantes. Com as corôas de louro iriam algumas corôas d'alhos. Com o som das trombetas misturar-se-hia o som dos buzios. D'envolta com os vivas iriam os assobios. Assim era preciso, pois que não ha outra maneira de castigar.

Em Portugal, porem, não ha fibra para isso. A bacoquice indigena é toda ella... *cordealidade*. E a festa d'*el gran Bernardino* decorreria sem novidade.

Nem por isso, porem, deixaria de ser ultra-comica, ultra-ridicula, e já agora que se afunde em ridiculo o *cordeal* Bernardino Machado. O *Bombardino Rachado*, na phrase pittoresca, e tão significativa, dos populares de Cellas. O *Bombardino Rachado!*

O ridiculo ia sendo cada vez maior. A pepineira subia n'um crescendo espantoso. Vejam esta amostra, estampada no *Diario de Noticias* de ante-hontem:

O SR. DR. BERNARDINO MACHADO

«O sr. dr. Bernardino Machado é o admiravel symbolo do desinteresse inexcedivel, da simplicidade encantadora, da probidade brilhante sem jaça e do patriotismo acrisolado.

Sempre teve em pouco as grandezas e as vaidades triumphaes da terra.

Talento superno, illustração vastissima, imaginação fulgurante, espirito feliz e radiante de inspiração, encyclopedia viva, criterio elevado, bom senso, memoria prodigiosa, coração benigno, caracter austero, o sr. dr. Bernardino Machado é uma grande, resplandecente e gloriosa figura humana.

Napoleão disse a Goethe, um grande poeta, um grande sábio e um grande politico: «*Vous êtes un homme, Monsieur Goethe.*»

Homens como o sr. dr. Bernardino Machado são rarissimos, infelizmente.

Os seus escriptos e os seus discursos manifestam a moral mais pura e o amor mais ardente pela humanidade.

Para o dr. Bernardino Machado, como para J. J. Rousseau, a consciencia è o mais perfeito philosopho: justiça e verdade, eis os primeiros deveres do homem; humanidade e patria, eis as suas primeiras affeições.

E' um vulto homerico o sr. dr. Bernardino Machado.

Tem direito ás maiores homenagens civicas e ao amor do povo portuguez.

Visconde de S. Boaventura.»

O cumulo da pepineira! Principalmente sabendo-se que este visconde de S. Boaventura é o Gaspar da Silva que Camillo Castello Branco immortalisou a pags. 31 de *Os Criticos do Cancioneiro Alegre.*

Gaspar estava no Brazil. Camillo aconselhava-o a que viesse para Portugal *cavar-se nos pés como o pelicano no peito.* Gaspar seguiu o conselho de Camillo. Veio, cavou-se, e, n'uma d'essas excavações, a ultima, achou.... *o vulto homerico de Bernardino Machado!*

Bombardino Rachado para os de Cellas. *Vulto homerico* para o senhor de S. Boaventura. E digam lá que o Camillo não era propheta. Como elle conhecia bem o Gaspar da Silva e como elle sabia que Gaspar da Silva, á força de cavar, havia de encontrar um dia no torrão natal um.... *vulto homerico.*

Fez mal, sr. João Franco, fez muito mal. Para cumulo de desastres, estavam limitados a Cunha e Costa e Gaspar da Silva os panegyristas de Bernardino Machado. Bernardino Machado glorificado moralmente por Cunha e Costa! Intellectualmente por Gaspar da Silva! E é n'esta altura que João Franco prohibe a *procissão das medalhas!*

Protestamos. João Franco não tinha direito nenhum a salvar o *compadre.*

C.

CONFIRMOU-SE A INIQUIDADE

Escrevia-nos alguem, e d'isso davamos conta no *Povo de Aveiro* de 9 de junho, a perguntarnos:

«Qual é a justiça e a moral militar?

Qual é a justiça e a moral republicana?»

Era a proposito do julgamento e absolvição do 1.º tenente Moreira Rato, que; em agosto do anno findo, feriu gravemente um seu superior hierarchico, deixando-o ás portas da morte. O 1.º tenente Moreira Rato foi julgado e foi absolvido por unanimidade. A imprensa republicana applaudiu, uma parte abertamente, e com o silencio a outra parte.

Por isso o nosso correspondente, justamente indignado com o facto de se castigar com as mais duras penas um soldado que commetta o mesmo crime pelo qual havia sido absolvido um official, e justamente indignado com o silencio d'alguns jornaes republicanos em face

d'essa tremenda iniquidade, e ainda mais com o applauso com que descaradamente alguns d'elles a festejaram, perguntava:

«Qual é a justiça e a moral militar?

Qual é a justiça e a moral republicana?

Ha uma justiça e uma moral para os officiaes e outra justiça e outra moral para os soldados?

Acceitam essa escandalosa differença os jornaes republicanos?»

O 1.º tenente Moreira Rato foi julgado ha dias pela segunda vez e pela segunda vez absolvido. E a imprensa republicana ficou calada. E se é certo que quem cala consente esse silencio correspondia ao applauso.

E', pois, occasião de tornar a perguntar:

«Qual é a justiça e a moral militar?

Qual é a justiça e a moral republicana?

Ha uma justiça e uma moral para os officiaes e outra justiça e outra moral para os soldados?

Acceitam essa escandalosa differença os jornaes republicanos?»

Pouca vergonha! Pouca vergonha sem egual!

E' muito boa pessoa o 1.º tenente Moreira Rato? São muito boas pessoas o que o julgaram, e nem os nomes, ao menos, lhes sabemos? Serão. Não contestamos. Não duvidamos. Mas o caso impessoal, o caso impessoalissimo é este: nenhum soldado, nenhum, que fizesse a um superior o que fez o 1.º tenente Moreira Rato deixaria de ser condemnado a Penitenciaria.

Nenhum! E a pouca vergonha é essa. A pouca vergonha sem egual.

E' esse o militarismo verdadeiramente revoltante. Verdadeiramente despotico. A lei supporta-se, por mais dura que seja, quando applicada com rigorosa egualdade. Mas quando ella é de funil apparece o despotismo no que tem de mais perigoso e de mais affrontoso.

Os officiaes que julgaram o 1.º tenente Moreira Rato e que duas vezes o absolveram deram provas do mais feroz militarismo. Esses homens não teem nenhum espirito de equidade. Esses homens lavraram a incapacidade absoluta do official para julgar.

A não ser que de futuro venham a absolver, nas mesmas condições, o soldado.

Desaffrontou-se o 1.º tenente Moreira Rato, diz-se. Foi ferido no seu pundonor, accrescenta-se. Ferido no seu pundonor pelo official é o soldado a cada passo. Absolve-se o soldado que, desaffontando-se, esbofetear o official que o melindrar? Absolve-se o soldado que, desaffrontando-se, por esperar ao caminho o seu legitimo superior e lhe rachar o craneo?

Digam. Se absolvem, está bem. Se não absolvem, ficou lavrada a incapacidade moral dos officiaes do exercito, que não podem, que não devem mais julgar, porque não dão a menor garantia de independencia, de justiça, de rectidão, d'equidade, e lavrada fica mais uma vez a incapacidade moral dos republinos, que, na mesma occasião em que clamavam contra a decisão do Supremo Tribunal de Justiça, applaudia mtacitamente a iniquidade commettida no julgamento do sr. Moreira Rato.

A toda a hora se demonstra a nossa grande miseria moral.

AO PUBLICO

SUCCURSAL DA PADARIA

DOS

ARCOS NA COSTA NOVA

MANUEL Barreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abre na proxima quarta-feira 24 do corrente, uma succursal da sua casa na Costa Nova (proximo á Motta) onde o publico durante a epocha balnear encontrará a qualquer hora do dia PÃO DE FINA QUALIDADE e generos de mercearia, taes como: assucar, chá, café, arroz, massas, vinhos finos, cerveja, e outras bebidas; tudo por preços modicos.

Recommendamos, pois, este estabelecimento, não só pela mocidade de preços, como tambem pelo esmero e acceio de todos os generos.

IMPRESSÕES DO EXTRANGEIRO E IMPRESSÕES DE PORTUGAL

XXIII

Pelo artigo 6.º do decreto de 12 de fevereiro de 1895 era limitado a 115 o numero de padarias na cidade do Porto.

Pelo decreto de 14 de novembro de 1895 era permittida a importação de 140.000:000 kilogrammas de trigo exotico. Os ministros, no seu relatorio, fundamentavam essa larga importação nos *extraordinarios e prolongados temporaes do anno agricola findo*. Sempre a mesma coisa! O augmento do preço do trigo sempre justificado pela certeza de que em breve deixariamos d'importar trigo extrangeiro. A importação do trigo extrangeiro sempre justificada pelas... más condições do anno agricola!

Mas se os annos agricolas bons são tão raros em Portugal, para que andarmos aqui, á custa do mais essencial á nossa existencia, a marrar na natureza?

Pelo decreto de 26 de novembro de 1896, que auctorisava nova importação de trigo exotico, era, no art. 7.º, fixado o preço das farinhas em Lisboa, não podendo as de qualidade superior exceder a 90 e 92 réis o kilogramma e as de qualidade inferior, mas proprias para o fabrico do pão d'uso commum, exceder a 82 e 84 reis o kilogramma. Os moageiros protestaram, gritaram, reclamaram. E o ministro Augusto José da Cunha, uma d'aquellas boas pessoas cuja administração tem sido, atravez de toda a sua bondade e honradez, desastrosa para esta terra, nomeava em 9 de abril de 1898 uma commissão, presidida por Elvino de Brito, para estudar as reclamações dos moageiros, devendo «exigir dos proprietarios ou gerentes das mesmas fabricas todos os documentos e informações, que julgar indispensaveis ao apuramento da verdade, ou ouvir sobre o mesmo assumpto quaesquer pessoas ou corporações competentes na especialidade, e informar o governo, com a possivel urgencia, sobre os preços pelos quaes as farinhas podem ser offerecidas ao consumo, sem perda para os estabelecimentos de moagem.»

Era então occasião de se remediar, dentro do escandaloso regimen em vigor, uma das causas da carestia do pão. Ter limitado as padarias, sem fixar o poder de fabrico ás que viessem no futuro substituir as que deixassem de existir, foi remedio que pouco remediou. Mas limitar as padarias, fixar um elevado poder de laboração ás que as substituissem, e não fazer o mesmo ás fabricas de moagem, era continuar com o caso insoluvel. Ou se regulava tudo pelo regimen da liberdade, ou se regulava tudo pelo regimen da excepção. Assim o mandava a equidade e assim o impunha a conveniencia publica. Augmentava-se escandalosamente o preço do trigo? Davam-se aos lavradores privilegios unicos no mundo? Attentava-se indignamente contra a liberdade de commercio? Então só havia um meio de conseguir a boa qualidade e a diminuição de preço da farinha e do trigo. Era attentar a sério contra a liberdade da industria. Era, limitando o numero das fabricas de moagem e das padarias, e impondo restricções que no futuro fizessem diminuir o numero á data existente, já demasiado, concentrar a sério a producção. Mas quê, se este paiz nunca teve estadistas, nem dentro da liberdade, nem dentro do despotismo?

Limitar o numero das padarias sem limitar o numero das fabricas de moagem, ou vice-versa, era asneira manifesta. Visar a concentração da producção, e não chegar a esse fim com vantagem para todos, era nephelibatice completa. Mas o que temos nós tido sempre no Terreiro do Paço senão nephelibatas, litteratos, patetas, para lhes dar o nome proprio, com alguma rara excepção?

Querem ver o que fez, o que pensou, o que escreveu n'esse sentido a tal commissão nomeada em 9 de abril de 1898? Vejam, que tudo isto é muito interessante:

«Um facto, porem, destaca a commissão d'esses preciosos documentos, para o frisar desde já:—a benefica influencia que a lei cerealifera de 15 de julho de 1889 tem exercido no desenvolvimento da nossa lavoura e da propria industria da moagem, sendo grato a commissão affirmar a V. Ex.ª, que nenhuma antinomia de interesses, nenhum embate de aspirações, pôde ella notar, nos depoimentos que ouviu, entre os representantes e defensores das referidas industrias.

E, com effeito, se a lavoura nacional tem recebido com o regimen cerealifero vigente um incremento notavel, vendo assegurada, na integra, a collocação da sua colheita de trigo, a ponto de, pelo estimulo de preços garantidos, e augmentando a area cultural e tornando mais intensa a cultura, poder vir a produzir, quando os annos lhe corram prosperos, o trigo indispensavel para o consumo, é certo tambem que a industria da moagem se tem não só transformado e aperfeiçoado, como alargado e desenvolvido. Bastará recordar que antes do regimen de 1889 apenas havia duas fabricas montadas pelo systema austro-hungaro, sendo a moagem nas demais feita exclusivamente por via de mós, mais ou menos perfeitas.

Em 1893 a commissão technica, incumbida de calcular a capacidade de laboração das fabricas de moagem, encontrou já bastante modificada a situação da respectiva industria, tanto pela profunda transformação de antigas fabricas como pelo estabelecimento de novas, e umas e outras montadas com os modernos e aperfeiçoados machinismos. O confronto das duas tabellas de rateio, de 5 de abril de 1882 e 31 de maio de 1897, mostra que o numero das fabricas matriculadas subiu de 37 a 69; e o successivo exame das diversas tabellas de rateio, em annos seguidos, confirma a manifesta tendencia da industria moageira em se descentralisar dos seus primitivos reductos, augmentando em numero e melhorando em machinismos.

E', pois, facto incontroverso e irrefutavel, que, a despeito das reclamações a que acima se refere, a industria da moagem tem encontrado, dentro do regimen cerealifero actual, estimulo para estabelecer e manter a concorrencia na compra do trigo nacional, com vantagem manifesta da cultura cerealifera; para melhorar consideravelmente, com enorme dispendio de capitaes, as suas installações fabris, e para alargar e augmentar a sua capacidade de laboração.»

Estas palavras definem mais uma vez os homens que teem a seu cargo os destinos do paiz. Que inconsciencia! Que estreitesa de vistas! Que estupidez!

O augmento das fabricas de moagem resultava simplesmente d'esta falta de iniciativa e de intelligencia que compromette tudo em Portugal. Se um ramo de negocio ou de industria rende alguma coisa, todo o mundo se vota cegamente a explora-lo. Não se indaga das condições em que tem vivido esse commercio ou essa industria. Não se quer saber se será possivel, sem perigo, alargar-se-lhe a exploração. Ouve-se dizer que dá dinheiro. *Pois então se dá dinheiro para uns ha de dar dinheiro para os outros.* E' o criterio. Verdadeiro criterio de brutos.

As fabricas de moagem augmentavam por esse motivo. Sabia-se que tinham enriquecido alguns moageiros. Toca a fundar fabricas de moagem, que não falta quem queira enriquecer n'este paiz!

Convinha a Elvino de Brito e aos restantes aproveitar mais um ensejo para exaltar a especulação dos grandes lavradores? Talvez. Nem por isso deixaram de demonstrar a pequenez do seu espirito. O homem verdadeiramente intelligente por coisa nenhuma d'este mundo se sujeita a fazer figura de tolo. Quando especula, especula intelligentemente.

O augmento das fabricas de moagem não provinha do regimen cerealifero em vigor. Era uma flagrante mentira, ou uma flagrante estupidez. Talvez mentira, porque tambem a commissão affirmava que não havia notado *nenhuma antinomia de interesses, nenhum embate d'aspirações* entre os representantes e defensores da industria agricola e da industria de moagem. E isto era mentir com descaramento, sem pudor, pois toda a gente sabia e sabe que lavradores e moageiros andaram sempre á bulha. Mas ainda que as fabricas augmentassem ao impulso do regimen cerealifero, não era facto para ser festejado, acclamado, exaltado, pois logo se via que esse augmento iria parar a um verdadeiro desastre, como succede com todas as industrias quando a producção excede as necessidades do consumo. Quantos moageiros haviam enriquecido? Meia duzia. E nenhum amontoara tantos capitaes que podessem espantar o mundo. Ora d'esse simples facto se concluia á priori, sem mais analyses, sem mais averiguações, que a crise da industria seria fatal, e grave, desde que apparecessem cem a explorar o mercado que havia enriquecido seis ou doze. Assim aconteceu. Os membros da commissão apregoavam como um symptoma de riqueza aquillo que nitidamente annunciava um proximo desastre.

Deviam pedir que se limitasse a correr o numero de fabricas, desde que se havia limitado o numero de padarias. Uma coisa impunha a outra. Era a unica maneira, dado o monopolio escandaloso em que viviamos, de evitar um aggravamento na carestia e na qualidade do pão. A unica maneira, mesmo, a querer manter elevado o preço dos trigos, de fazer baixar o preço do pão.

Pois pediam, ou insinuavam, o contrario.

Que grandes homens, que tem este paiz!

H. C.

OPINIÕES

—*—

SELVAGENS!

Para certos crimes só a forca! dizíame ha dias transpirando odio, entre fumaradas de rancor, uma senhora pacifista, partidaria da libertação da mulher e outras coisas mais.

Uma mulher que mata um filho ao nascer precisava da cabeça cortada sem demora! clamava feroz outra dama de boa sociedade.

Matar para roubar é para mim o crime mais abjecto, mais vil, mais revoltante. Para esses é que era bem precisa a forca! ajuntava dando-se ares de juiz um velho capitalista meio paralytico que tinha amontoado algumas centenas de contos a falsificar os gêneros de alimentação.

Decerto! avançava ainda espevitada uma menina dos seus dezaseis a dezasete annos, atulhada de toda a sorte de preceitos egoistas e minhocas preconceituaes.

E era tudo assim! Os que não falavam abaixavam de quando em vez a cabeça complacentemente numa concordancia harmónica. Era tudo assim!

Estavam ali rapazes e raparigas de todas as edades, solteiros e casados, medicos e professores, litterattos e jornalistas. E de nenhum delles,—de nenhum—saía uma palavra que denunciasse um sentimento de justiça, um coração humano! Os que não falavam abaixavam de quando em vez a cabeça complacentemente, sempre numa concordancia harmonica. Era tudo assim!

Durante algum tempo continuei a ouvir as mais variadas e avariadas heresías. Fui-me contendo. Mas quando uma burguesinha nova, que devia regular ahi pelos seus desoito annos, se referiu novamente, com estupida petulancia, aos crimes de infanticidio, então não pude mais. Uma surda revolta se apoderava de mim e não obstante grandes esforços não resisti á necessidade de falar. Soltei um delicado protesto contra a barbara maneira como se estavam referindo ás pobres desgraçadas que a sociedade impellia para o crime. Era uma injustiça!

Riram-se. Não me perturbei. Falava o meu coração, a minha consciencia de revoltado. E, violentamente, a minha natureza rude e pura explodiu então. Disse-lhes:

«Como assim?! Pois as senhoras, que o acaso encheu de dinheiro e de confortos roubados a tantas familias que não téem um pedaço de pão negro para dar aos filhos que mortos de fome lho imploram, as senhoras que estão ahi adornadas de joias, de ouro e de brilhantes, para em tantos lares não haver um enxergão onde por um pouco repousem, nem uma manta com que se cubram as pobres mães que passam o dia a moirejar emquanto as senhoras vêem nos jornaes o que se representa á noite nos theatros, as senhoras que gosam uma felicidade que não é sua, uma felicidade roubada aos outros, as senhoras causadoras da desgraça, ainda ousam, para cumulo, escarnecer d'ella?

Pois quê?! E' tão grande, não se exgottará um dia a paciencia humana?

Então pedem a morte para uma mulher que num momento unico, seduzida por promessas feitas no tom mais convincente, allucinada por um sentimento que domina a sua vontade, emfim, determinada por mil causas se lança loucamente nos braços do homem que adora sem pensar que elle póde ludibria-la, nunca mais fazer caso della, esquecer todas as suas promessas e deixa-la *deshonrada*, repudiada pela sociedade? Então não comprehendem que essa desgraçada que o acaso atirou para os braços dum depravado, ao vêr que o *mundo* vae ter conhecimento do seu *crime*, da sua *deshonra*, ao dar á vida o fructo do acaso, dum momento de allucinação, queira fazer desapparecer esse filho que seria eternamente a sua vergonha?, um filho a quem aliás ella tinha talvez tanto amor, que era a carne da sua carne e que, por isso mesmo, não queria que vivesse, porque mais tarde não teria com que o sustentar, vê-lo-ia morrer de fome ou estiolar-se a pouco e pouco como uma planta que se não rega...

Não comprehendem, não acham justiça nisto, nem as que são mães?

Não comprehendem, não, porque não querem.

No seu coração ha tanto egoismo, ha tão pouca comprehensão do que seja a miseria humana, são tão alheias á dôr que se tornaram verdadeiras féras.

E bem precisam de ser féras, e como traiçoeiras féras defender-se, para ir enganando os gritos da fome que, emfim revoltada, já ameaça destruir por uma vez *todas* as causas da infelicidade do povo.

«A' morte, á morte a malvada, a repugnante auctora do monstruoso crime!» gritam a um tempo todas as damas de boa sociedade, as burguezinhas da moda, serpentes damninhas sedentas de vingança.

«Penitenciaria com ella!» bramam indignados os nossos jornalistas de tres ao vintem, esses que se dizem avançados.

Todos se juntam para cevar na victima os seus odios, na victima auctora do crime que só elles causaram!

Selvagens!»

Emquanto falava não me interromperam. Mas, quando acabei, de todas as boccas saiu uma gargalhada brutal.

Vim-me embora. E, durante o caminho, ouvindo sempre aquella gargalhada, não cessei de repetir:

Selvagens!

HOMEM CHRISTO, Filho.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Kiosque Elegante, Rocio.

PORTO

Kiosque, rua Sá da Bandeira 41.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

LIVROS

ANALYSANDO

«OS REBELDES»

Livro em prosa

de

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

—*—

O auctor d'*Os Rebeldes* é um poeta e como tal o seu livro está repassado de lirismo.

E' um revoltado contra todas as iniquidades sociaes. Prova-o em paginas admiravelmente escriptas com uma firmeza de traço e pureza de fórma raras em nossos tempos.

Ha um capitulo nos *Rebeldes* em que José Augusto de Castro desenha com fundo conhecimento philosophico o perfil bondoso da grande revolucionaria Louise Michel. Ha tal grandeza de intuitos que o maior profano fica desde logo sympathisando com a alta figura moral da falecida agitadora.

Basta esse capitulo para José Augus-

to de Castro se nos apresentar como um luctador convicto. E' honesto no seu processo de litteratisar ideias. Desconhece a pieguice. Veste a ideia redemptora com pruridos de linguagem. Pena é que ás vezes a phrase demasiado empolada escureça o pensamento inicial. Effeitos do poeta se tornar prosador.

Ao passo que *Os Rebeldes* teem qualidades que se impõem, um defeito, que se me afigura organico, apparece em quasi todo o livro. Evòla um perfume de Fatalismo. Parece que o auctor olvida que a Fatalidade é um morbo social. Não é uma finalidade, mas uma consequencia da má organisação psichica das sociedades modernas.

José Augusto de Castro, sabe-o tão bem ou melhor de que eu, pois no seu livro mostra que acredita no advento d'uma nova humanidade: «o caso é o homem querer.»

A Fatalidade, como sabe, è o producto da inconsciencia em que o homem outr'ora viveu. Como não sabia a que attribuir a paternidade dos seus descalabros moraes e physicos, entregava essa responsabilidade «ao que não podia deixar de acontecer.» Essa theoría que tanto mal tem causado á humanidade apparece predominando nas tragedias gregas de Sophocles, Eschylo e Euripedes. Os seus protogonistas eram levados á desdita como se dentro em si trouxessem a causa do mal. Era uma *má sina* que timonava os seus destinos. Por mais rebeldias que praticassem, não se podiam furtar ao castigo da Fatalidade endeusada—como as creaturas religiosas que, hoje ainda, se abraçam á resignação receiosas do seu Deus:—poderão soffrer todas as torturas inventadas e por inventar; os seus labios jamais se abrirão a soltar queixas insubmissas. Bem sabemos que o Fatalismo preponderou quando se desconhecia por completo a theoría do Determinismo, theoría em que o homem é o joguete das condições cosmicas, mesólogicas e sociaes, tornando-o um ente irresponsavel. Se alguma liberdade tem é a de pensar. E essa mesma porque os governos ainda não descobriram a fórma de extrair dos cerebros intelligentes o raciocinio...

José Augusto de Castro não tem razão nenhuma em se mostrar crente no Fatalismo. Espirito culto é-lhe facil banir essa superstição, tanto mais que nos *Rebeldes* se denuncia um inimigo acerrimo de todas as phases doentias do homem e... é este o defeito que encontrei na leitura d'*Os Rebeldes*.

Outra observação se me antólha digna de registo. Não é defeito. E' a maneira individual de José Augusto de Castro comprehender a acção benefica dos governos, quando a pag. 56, nos diz:

«E' necessario que os governos não sejam os inimigos dos povos, que a politica seja uma sciencia de administrar, não um meio de extorquir.»

O auctor é dotado de boa fé. Sabemos que não aspira a ser governante, nem, estou certo, a ser governado. Caso contrario dir-lhe-hia que ao escrever esse periodo tinha no espirito uma candidatura. Mas, não. José Augusto de Castro só póde ser censurado por essa ingenuidade.

Leia com vagar toda a historia de todos os politicos sejam de que partido fôrem e verá, com desgosto, que todos são o mesmo porque lêem pela mesma cartilha: sopezar os seus semelhantes.

Como pódem não ser inimigos dos povos, se elles para conseguirem o seu desiderato o acarinham primeiro para o victimarem depois? Ora, esse desejo é igual ao de que a politica seja uma sciencia de administrar. Sciencia e Politica são inimigas figadaes. Uma é baseada em factos concretos; outra em ficções burlescas. Uma é a base da vida; a outra o ludibrio da vida. A Politica ainda pede amparo á Sciencia; mas a Sciencia é que trata d'abrir os olhos a quem ainda creia nas redempções parlamentares.

Póde ser que eu esteja em erro. Os factos dia a dia é que me levam a emittir esta opinião que, por ser sincera, poderia irmanar com a de José Augusto de Castro, que me parece tambem sincera, embora salpicada dos prejuizos apontados.

José Simões Coelho.

(*)

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÕES

DE

Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás sainhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—**PREZA**

FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, semeas, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRIPTORIO—R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150

Album, ou livro contendo as licções da *Catilha Maternal* em ponto grande . . . . . 5$000

Quadros Parietaes, ou as mesmas licções em trinta e cinco cartões. . . . . 6$000

Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150

Guia prático e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

Arte de Escripta—cada caderno, ... 30

Livros de polémica sôbre o Méthodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500

A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), ... 700

Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livos, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0|0.

Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0|0.

Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0|0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripta.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ETABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45--AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de mindezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relogios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,,

—E—

BICYCLETTES **OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relogios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relogios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Aguia), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÊ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.